

PLATAFORMA DE ARTE/EDUCAÇÃO: UMA ALTERNATIVA PARA O APRENDIZADO



MARINA WOISKY
2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES – CAMPUS SÃO PAULO

MARINA MICHELONI WOISKY

Plataforma de Arte/educação: uma alternativa para o aprendizado

SÃO PAULO

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES – CAMPUS SÃO PAULO

MARINA MICHELONI WOISKY

Plataforma de Arte/educação: uma alternativa para o aprendizado

Dissertação apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Artes.

Orientadora: Prof^a. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

SÃO PAULO

2021

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

W847p Woisky, Marina Micheloni, 1996- Plataforma de arte/educação : uma alternativa para o aprendizado / Marina Micheloni Woisky. - São Paulo, 2021. 51 f. : il. color. Orientadora: Prof.^a Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Arte na educação. 2. Mídia digital. 3. Arte e tecnologia. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título. CDD 707.1

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

MARINA MICHELONI WOISKY

PLATAFORMA DE ARTE/EDUCAÇÃO: uma alternativa para o aprendizado

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Artes.

Data de aprovação: 17/12/2021

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli
(Orientadora)

Mestre Mari Ra Masser Chacon
(Banca examinadora – EBA/UFBA)

“escrever como um cão que faz seu buraco, um rato que faz sua toca. E, para isso, encontrar seus próprios pontos de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto.”

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Kafka - Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 28-29.

Resumo

A partir das leituras e discussões da aula de Didática e da ação “Qual a importância do ensino público de artes?” feita por mim e meus colegas da UNESP na exposição “Somos muit+s: experimentos sobre coletividade” que ocorreu na Pinacoteca em 2019, proponho a criação de uma plataforma digital de Arte/Educação.

Abstract

From the readings and discussions of the Didactics class and the happening “What is the importance of public teaching of arts?” made by me and my colleagues at UNESP at the exhibition “Somos muit+s: experiments on collectivity” that took place at the Pinacoteca in 2019 I propose the creation of a digital platform for Art/Education.

Palavras-chave: Arte, Arte/Educação, Educação, Plataforma

Lista de Figuras

Figura 1 - Ação “Qual a importância do ensino público de artes?”. 2019.

Figura 2 - Ação “Qual a importância do ensino público de artes?”. 2019.

Figura 3 - Ação “Qual a importância do ensino público de artes?”. 2019.

Figura 4 - Ação “Qual a importância do ensino público de artes?”. 2019.

Figura 5 - Ação “Qual a importância do ensino público de artes?”. 2019.

Figura 6 - Ação “Qual a importância do ensino público de artes?”. 2019.

Figura 7 - Vista geral da exposição BAMBA. 2019.

Figura 8 - Vista geral da exposição BAMBA. 2019.

Figura 9 - Print do site SOMA. 2020.

Figura 10 - Print do site SOMA. 2020.

Figura 11 - Print do site SOMA. 2020.

Figura 12 - Print do site SOMA. 2020.

Figura 13 - Print do site SOMA. 2020.

Figura 14 - Print do site SOMA. 2020.

Figura 15 - Print do site SOMA. 2020.

Figura 16 - Print do site SOMA. 2020.

Figura 17 - Print do site SOMA. 2020.

Figura 18 - Print do site SOMA. 2020.

Figura 19 - Print do site SOMA. 2020.

Figura 20 - Plataforma. 2021.

Figura 21 - Plataforma. 2021.

Figura 22 - Plataforma. 2021.

Figura 23 - Plataforma. 2021.

Índice

Introdução..... 1

Capítulo I - Autobiografia - experiência.....2

Capítulo II - Pandemia e as novas perspectivas..... 13

Capítulo III - A Plataforma..... 17

Considerações finais..... 41

Bibliografia..... 42

Introdução

Das coisas que aprendi na vida, as mais marcantes, absorvidas e lembradas foram aquelas ensinadas com paixão. Depois de muito tempo, já na faculdade, quando tive contato com os textos de bell hooks, entendi que a paixão está associada à Eros, na medida em que o corpo se faz presente assim como a mente, resultando em um aprendizado real e profundo. Não ignorar o corpo na sala de aula é um ato político, pois enfatiza as diferentes subjetividades. Uma vez que isso acontece, as experiências de cada indivíduo são consideradas, assim possibilitando um espaço de trocas sinceras, um campo aberto a transformações. A liberdade está neste campo, é um estado que vem com a educação.

Nesse texto a seguir, faço uma reflexão da educação como prática de liberdade associada ao pensamento crítico, a partir da relação entre os textos de bell hooks, Audre Lorde, Grada Kilomba com textos de Silvio Gallo sobre educação libertária e de Pablo Hegueira sobre arte socialmente engajada.

Parto das minhas experiências pessoais relacionadas à educação ao longo da escola particular e graduação na universidade pública. Sigo para as aulas de Didática na faculdade e a dificuldade desses encontros na pandemia e por fim, trago uma proposta de plataforma digital de arte/educação que foi iniciada no trabalho de conclusão dessa mesma matéria, quando estudávamos educação libertária. Esse trabalho, apesar de ser de conclusão da graduação em Licenciatura em Artes Visuais não pretende ter formato acadêmico.

Capítulo I

Autobiografia - experiência

Quando estava no maternal, a direção da escolinha decidiu que eu seria adianta um ano na escola. Até a primeira série fui a aluna mais nova da turma e quando mudei de colégio, refiz primeira série. Essa mudança foi essencial para minha vida, mas trouxe à tona as dificuldades do aprendizado que tive até então. Minha primeira nota abaixo do que se esperava foi em português, quando pediram para os meus pais me levarem em uma psicopedagoga para uma avaliação. Depois de algumas sessões ela constatou que eu não tinha nenhum problema, porém tinha uma maneira de pensar diferente.

Pensando sobre minhas experiências em sala de aula até a faculdade, consigo perceber que tinha uma clara dificuldade de comunicação, até hoje me sinto tensa quando preciso fazer uma apresentação expositiva na frente dos meus colegas. Mas, depois de algumas leituras e das aulas da faculdade, consigo compreender minimamente de onde veio esse bloqueio. Primeiro, as aulas até o colegial sempre foram expositivas, então, para tirar uma dúvida, se colocar, ou fazer uma apresentação era preciso encarar um silêncio com olhos direcionados totalmente pra você, acompanhados de julgamentos pré-estabelecidos. Segundo, a maioria das pessoas que falavam em aula eram homens e acredito que de alguma forma isso influenciou o meu silenciamento.

Apesar disso, algumas aulas que tive no colegial mostraram uma paixão imensurável pelo conhecimento e pelo compartilhamento dele, pelo pensamento crítico e pelo diálogo como ferramenta de mudança. É nesse momento que tenho uma espécie de êxtase, como se a minha mente se abrisse para a liberdade e me fizesse desistir de prestar medicina para prestar artes e arquitetura, algo que tinha interesse, mas que andava em paralelo ao ensino escolar.

Meu aprendizado de artes veio por meio do afeto e informalidade, pois apesar das aulas na escola, quem me introduziu ao mundo artístico em suas diferentes dimensões foi minha avó. Considero essas dimensões tanto os espaços institucionais como museus, centros culturais, teatros, espetáculos de rua, circo, quanto ao fazer artístico. Esse fazer tinha o intuito de ser um passatempo no começo, algo interativo para além da televisão, onde pudesse exercer a minha criatividade, mas conforme fui crescendo, o interesse aumentou e o incentivo também. Minha avó me ensinou algumas técnicas de pintura e também me presenteava com materiais que serviram de alicerce para a livre experimentação.

Essas pequenas produções aconteceram durante toda minha formação escolar, passaram das telas para os cadernos que rabiscava durante as aulas ou os exercícios da aula de artes. Elas aconteciam de maneira espontânea e não tinham nenhuma finalidade muito clara e nem uma discussão sobre aquilo. Foi nas artes e nas aulas de licenciatura, onde encontrei o caminho para a liberdade e radicalização do pensamento crítico. Na produção de arte descobri que não há limite, tudo pode ser feito, explorado, desde que se tenha um posicionamento claro do ponto de partida. Ou seja, pensar o sujeito que produz a obra de arte é necessário para que se estabeleça lugares e encontros coerentes entre as experiências.

No começo sentia dificuldade justamente pelas amarrações da educação bancária, que de alguma forma castram a potência do pensamento crítico. Nas aulas de educação me deparei com um ambiente de sala de aula completamente diferente do que havia experimentado anteriormente: foi um dos lugares onde me senti à vontade para me colocar, de errar muitas vezes, de repensar e continuar aprendendo.

Acredito que isso tenha acontecido pelo fato de que essas aulas sempre se pautaram nas discussões, então, para estar na aula de corpo e mente era necessário falar. Além disso, a disposição das carteiras, em roda, o local onde as professoras se inseriram no espaço, dentro da roda na mesma altura dos estudantes, que estavam um de frente para o outro, explicitavam que aquele era um lugar de escuta. Um lugar para se posicionar ideologicamente e corporalmente, sem se apagar como sujeito, um lugar onde a experiência pessoal era importante para lembrarmos que temos uma subjetividade, mas ela não é descolada do nosso corpo.

Logo no começo da graduação, já nos deparamos com uma aula da professora Rita que desconstrói toda uma bagagem solidificada no imaginário do vestibulando. Lembro-me especialmente dessa aula em que foi questionado o que era a “verdade”. Somos permeados por inúmeras verdades, muitas vezes impostas, e nem sempre nos questionamos sobre o que elas são e porque são absolutas. A verdade como objetivo é uma herança do iluminismo, em que a ciência se utiliza para criar teorias e comprová-las e a religião, para não ser questionada. Nessa aula, vimos e discutimos diferentes perspectivas sobre isso, a partir das nossas próprias experiências, a partir de imagens e textos. No final entendi que a verdade não é absoluta, apesar de se passar por algo fixado no tempo e espaço, está em constante mudança, verdade é processo. Esse foi um exemplo desse espaço aberto e fértil ao pensamento crítico, crescimento e troca.

Houve uma outra experiência, bastante marcante, que aconteceu fora da sala de aula e salientou, para mim, a educação como prática de liberdade. No ano de 2019, quando foi decidido que os Departamentos de Artes Visuais e Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de São Paulo seriam fundidos, nós estudantes de Artes Visuais da turma de Didáti-

ca daquele ano, decidimos fazer uma ação na Pinacoteca de São Paulo, onde estava tendo a exposição “Somos muit+s: experimentos sobre coletividade” em que a obra de Rirkrit Tiravanija, instalada no octógono central, era um palco aberto para qualquer atividade proposta. A ação tinha o nome “Qual a importância do ensino público de artes?” e se configurava em uma faixa de tecido que vinha de um ponto alto da pinacoteca até o palco e tinha essa pergunta impressa nela. Os visitantes da exposição eram convidados a responder essa pergunta como desejassem com os materiais disponíveis nessa ação. Esse foi um momento de liberdade para o pensamento crítico, onde a pergunta estava posta e qualquer um poderia respondê-la.

A exposição “Somos muit+s: experimentos sobre coletividade” teve o intuito de investigar a prática artística como exercício coletivo. A mostra apresentou experiências artísticas pensadas enquanto diálogos, diretos ou indiretos, com a produção de Joseph Beuys e Hélio Oiticica, dois dos mais importantes e ativos artistas da segunda metade do século 20. Além deles, participam outros seis artistas e coletivos nacionais e internacionais: Maurício Ianês, Mônica Nador e Jamac, Coletivo Legítima Defesa, Rirkrit Tiravanija, Tania Bruguera e Vivian Caccuri. A partir do conceito de escultura social, cunhada por Beuys, em quem o artista pode criar novas estruturas na sociedade, a exposição articulou grupos de artista que tem sua pesquisa direcionada para a criação de espaços propícios à imaginação de novas formas de sociabilidade e modos de vida.

Dentre eles, a obra de Rirkrit Tiravanija propunha um palco aberto, baseado na estrutura espiral Raumbühne, cujo termo foi pensado para experiências teatrais performáticas. Esse espaço ficou à disposição para os visitantes utilizarem livremente, por isso muitas ações, oficinas, aulas, etc, aconteceram. Algumas já estavam incluídas na programação e foram pensadas por coletivos de artistas, mas outras surgiram no decorrer da exposição como a ação “Qual a importância do ensino público de artes?”.



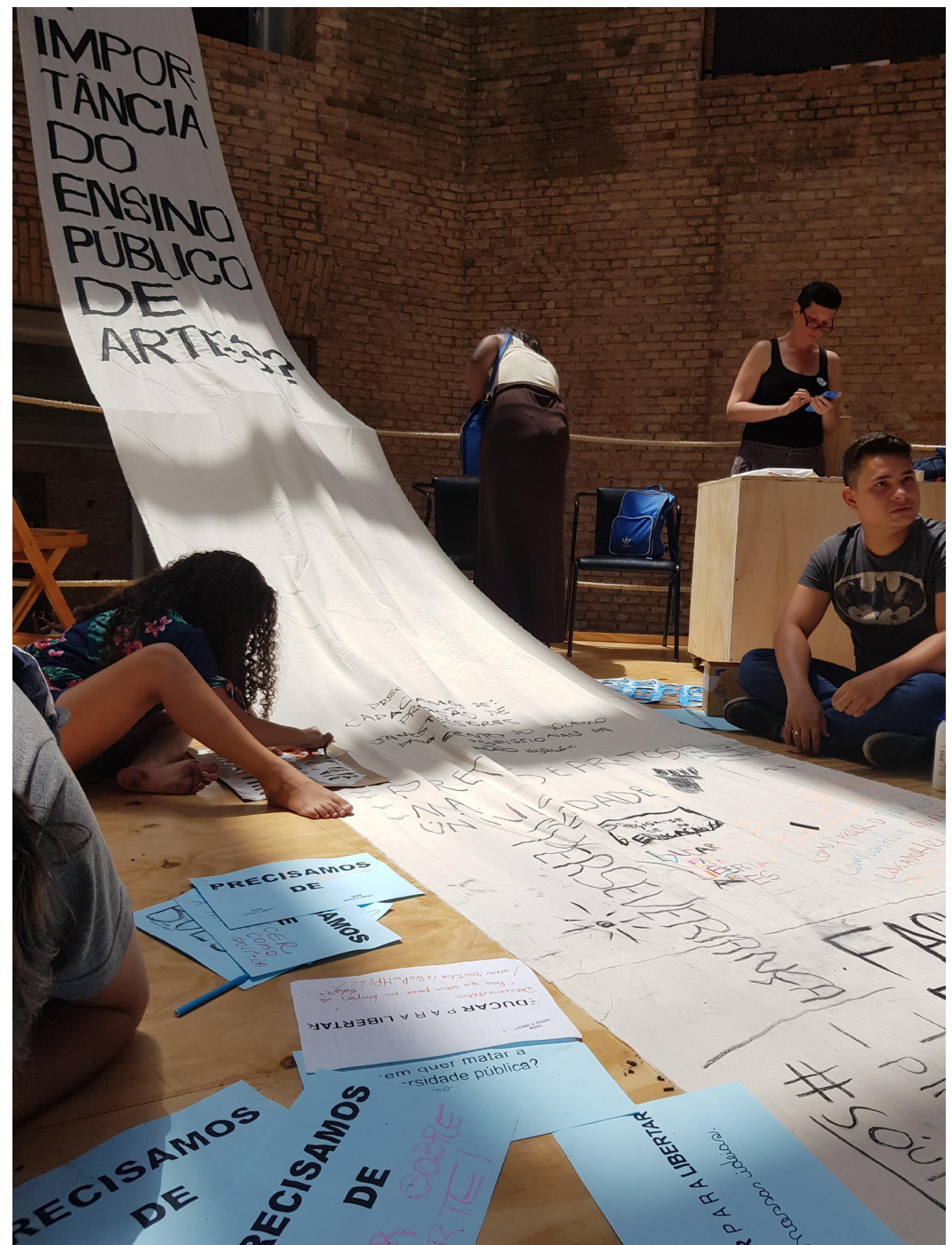
(Fig.1) **Marina Woisky.** Ação “Qual a importância do ensino público de artes?”. 2019. Acervo da fotógrafa.



(Fig.2) **Marina Woisky.** Ação “Qual a importância do ensino público de artes?”. 2019. Acervo da fotógrafa.



(Fig.3) **Marina Woisky.** Ação “Qual a importância do ensino público de artes?”. 2019. Acervo da fotógrafa.



(Fig.4) **Marina Woisky.** Ação “Qual a importância do ensino público de artes?”. 2019. Acervo da fotógrafa.



(Fig.5) **Marina Woisky.** Ação “Qual a importância do ensino público de artes?”. 2019. Acervo da fotógrafa.



(Fig.6) Marina Woisky. Ação “Qual a importância do ensino público de artes?”. 2019. Acervo da fotógrafa.

Desde a organização dessa ação até seu acontecimento, o que era para ser uma aula se tornou um espaço aberto para qualquer estudante e professor participar e criar algo para levar para essa exposição. Discutimos muito como falar sobre a questão do sucateamento da universidade pública dentro de um museu, que é um espaço com barreiras, na medida em que não tem um alcance para além daqueles que o frequentam. Pensamos na possibilidade de fazermos uma oficina com o público, mas não queríamos que fosse algo expositivo e pouco participativo, o objetivo naquele momento era refletir sobre o abandono do ensino público de artes.

Alguns meses antes, havia curado junto com dois amigos a exposição “BAMBA” no Espaço Breu. Como maneira de ativar a exposição após sua abertura, os meninos levaram folhas impressas como o nome da exposição em cima e esvaziadas no resto de sua extensão. Espalharam pelas mesas, montadas para essa atividade, e convidaram o público a desenhar junto com os artistas nessas folhas. Ao final do evento, os participantes levaram esses posters para casa. Aquela atividade teve um resultado positivo, pois houve muita adesão dos visitantes. Levei essa experiência para o debate pré-ação e decidimos em conjunto que iríamos levantar a questão “Qual a importância do ensino público de artes?” para que quem estivesse na Pinacoteca e quisesse responder se sentisse a vontade de contribuir. Durante o dia, muitas pessoas passaram pela ação e responderam a pergunta no tecido ou nas folhas de papéis que disponibilizamos no espaço.



(Fig.7) **Marina Woisky**. Vista geral da exposição BAMBA. 2019. Acervo da fotógrafa.

Em Educação para uma arte socialmente engajada, Pablo Helguera trata do conceito de arte socialmente engajada como algo que trabalha na relação com sujeitos e problemas que estão em outras disciplinas e, assim, movem-os para um espaço de ambiguidade. Acredito que a ação feita na Pinacoteca pode ser entendida como uma arte socialmente engajada na medida em que o processo da ação foi desenvolvido conjuntamente, ou seja, a produção do trabalho foi social¹. Dentre as possíveis maneiras de fazer uma arte socialmente engajada, Helguera traz uma série de exemplos de como a participação social é manifestada. Entre elas, existe a “participação criativa”, onde o visitante fornece conteúdo para compor o trabalho proposto pelo artista. Apesar de termos sido um grupo de estudantes propondo e não um único artista, a participação dos visitantes se deu desse modo, pois contribuíram com a ação respondendo a pergunta.

Em contraponto, sua radicalidade se deu de maneira parcial, pois abordamos uma questão social tão profunda e importante “Qual a importância do ensino público de artes?” dentro de um espaço artístico. Ou seja, o fato de ter sido feita no museu implica que as pessoas que circulam por esse espaço já tinham uma predisposição a terem uma experiência artística ou que já pertença a um conjunto de valores e interesses que os conectem à arte.²Sendo essa questão algo mais abrangente do que esse ambiente, acredito que sua forma mais radicalizada seria em um espaço público.

1 Helguera, 2011, p.39.

2 Helguera, 2011, p.39.



(Fig.8) **Marina Woisky**. Vista geral da exposição BAMBA. 2019. Acervo da fotógrafa.

Capítulo II

Pandemia e as novas perspectivas

Em março de 2020, quando a pandemia começou, tudo mudou. As aulas passaram a ser online e a interação nesses encontros passou a ser diferente. Antes, eu e alguns colegas trocávamos muito conhecimento no ateliê em meio às produções e também em um grupo de estudos que montamos para discutir nossos trabalhos. Neste grupo, a ideia era que cada um apresentasse sua produção por meio de imagens e falas e que quem estivesse assistindo, comentasse, perguntasse sobre. Lembro que na minha apresentação, organizei meus trabalhos em ordem cronológica e também trouxe aqueles que destoavam do conjunto. Além disso, como foi a primeira vez que fazia algo do tipo, estava bastante nervosa, pois iria abrir algo tão íntimo, que eu mesma não conseguia ver de fora, sentia que estava colado em mim. No fim, foi uma experiência muito rica em trocas de visão e opinião sobre os trabalhos.

Com o distanciamento essa troca ficou escassa e passou a ser exclusiva das aulas de didática. A proposta não era discutir os trabalhos em si nessa aula, mas arte e educação por meio de um acervo de textos diversos disponibilizados no drive da classe. A partir desses textos discutíamos assuntos diversos e produzimos reflexões tanto em forma de apresentação oral, quanto na forma escrita.

Por causa desses encontros pude me aproximar de textos que me abriram para um novo modo de pensar a educação e, conseqüentemente, o mundo. Dentre eles, trarei a seguir uma reflexão sobre o “Descolonizando o conhecimento” da Grada Kilomba, “Poesia não é luxo” da Audre Lorde, “Ensinando a transgredir” da bell hooks que fiz durante os encontros em 2019.

Na escola separamos o corpo da mente, trabalhamos o intelecto e esquecemos do que nos faz presentes, o corpo. bell hooks no capítulo 13 de “Ensinando a transgredir”, discute o eros/erotismo na sala de aula e como essa separação entre corpo e mente não é benéfica para o aprendizado. O corpo é nossa primeira apresentação para o mundo, é o que nos constitui primeiramente e não deve ser ignorado no processo de aprendizagem.

Assim esquecido, também se esquece de eros. Eros/erotismo é “a potência erótica não se limitava ao poder sexual, mas incluía a força motriz que impulsionava todas as formas de vida de um estado de mera potencialidade para um estado de existência real”. Nesse momento, percebemos o quanto é essencial a paixão (eros) dentro da sala de aula, pois é por essa via que há a transformação. Após essa leitura, me deparei pensando sobre minhas experiências como estudante e percebi que as aulas mais encantadoras e formadoras foram aquelas banhadas de paixão, em que o professor sentia o sentido do que estava ensinando.

Em certo ponto do texto, há um relato de um aluno que tinha aula com a bell hooks. Nele, o estudante conta como adorava dançar independente de onde estivesse e de quem estivesse olhando. A dança estava associada à liberdade, era um modo de falar com o corpo, assim como Audre no texto Poesia não é luxo coloca a poesia como emergir, um outro jeito de falar.

A liberdade nos dois casos, assim como no texto “Descolonizando o conhecimento” de Grada Kilomba, está inteiramente ligada à palavra, ao falar. A palavra tem poder, quem fala e é escutado é livre. Grada, no começo do texto discute a máscara, instrumento de silenciamento das pessoas escravizadas, que as impedia de comer e de falar. Esse exemplo mostra como o silenciamento imposto inibe a subjetividade e, conseqüentemente, a existência no mundo como sujeito.

Tanto a importância da dança para o estudante, quanto a poesia para Audre e os textos/performances de Grada, trazem a questão da voz. Quem fala, pode discordar, pode se defender, pode argumentar, mas não necessariamente a forma de fazer isso é limitada àquela maneira academicista de ser, entrecortada e inacessível. Como diz bell hooks, a partir do momento que eros adentra a sala de aula, o amor vai florescer, pois em um ambiente acolhedor, em que não são ignoradas as identidades e subjetividades dos estudantes, ou seja, seus corpos e suas mentes, cria-se a possibilidade da fala de suas diferentes maneiras.

Texto produzido durante a aula de Didática no ano de 2020

Esses textos me deram abertura para uma educação artística sensível e um entendimento profundo desse jeito de aprender e ensinar. Relaciono esses textos com a corrente de educação libertária, cujo princípio era levar em consideração a singularidade do estudante:

“Se a educação é um processo formador de pessoas, de homens, precisamos saber, de antemão, o que é e quem é esse homem que pretendemos formar. Acontece que ao pensarmos nosso conceito de homem, deparamo-nos com a questão política: tal conceito está estreitamente relacionado com a sociedade na qual este homem está ou estará inserido” (GALLO, p.1, 1996)

Quando me deparei com esse texto sobre educação libertária entendi que muito do que aprendi aconteceu fora da sala de aula, muitas vezes em espaços culturais, no ateliê coletivo da UNESP, ou em conversas com amigos de áreas diferentes da minha. A educação libertária fala de um aprendizado não hierárquico e como todos podem ensinar e aprender, é na troca de conhecimento que o aprendizado acontece. Nesse sistema, valoriza-se as habilidades de cada um, logo o indivíduo como sujeito, pois baseia-se na igualdade entre os indivíduos e no direito de todos desenvolverem suas potencialidades.

Os textos da Grada Kilomba, bell hooks e Audre Lorde, antes mencionados, mostraram o quanto há disparidade na sala de aula e isso faz com que seja possível construir um pensamento crítico em coletivo, como o que aconteceu nessas aulas de didática. Quando estudei na escola particular, havia uma homogeneidade de classe, raça e pensamento, isso mudou quando fui pra universidade pública, que independente de seus inúmeros problemas, foi um verdadeiro lugar de construção de conhecimento e de conscientização, onde fui confrontada não para me desculpar, mas realmente para mudar.

Como maneira de introduzir o próximo capítulo deste trabalho trago o “Deslocamento 2. Uma educação ‘menor’” do livro “Deleuze e a Educação” de Silvio Gallo para pensar outras possibilidades de educação. Nesse ponto do livro, o autor faz um deslocamento de conceitos deleuzianos de literatura “menor” usado para analisar textos de Franz Kafka para discutir fundamentos da educação e traz escritos de Antonio Negri no exílio para tratar do professor-militante. Esse seria aquele que produz o presente para possibilitar o futuro, ou seja, opera por ações de transformação na micro esfera, pois ao conviver com seus alunos construiria coletivamente tal possibilidade. Assim, ele é como se fosse um vetor da produção da superação do sucateamento educacional. A educação “menor” seria então esses dispositivos para pensar a educação praticada no Brasil, não numa macro esfera de transformação e mudança de status quo, mas num processo educativo comprometido com a singularização, comprometido com valores libertários.

Capítulo III

A Plataforma

A partir da aula de Didática e das leituras sobre educação libertária em um momento inicial, os estudantes deveriam apresentar um trabalho em grupo sobre algo relacionado aos textos e temas discutidos em aula. Eu e meu grupo decidimos fazer algo que seria uma ferramenta de compartilhamento nessa época de isolamento. Pensamos na possibilidade de ser uma revista, mas entendemos que o formato era muito limitante, pois não conseguiríamos anexar vídeos e outras mídias. Decidimos então fazer um site, que seria uma plataforma de divulgação e comunicação que traria conteúdos relacionados à educação libertária, que em parte seria um repositório de conteúdo, onde se encontraria links e arquivos que levariam à fonte e também seria uma espécie de blog, pois em uma das seções do site, entrariam produções dos estudantes da matéria em um primeiro momento, mas depois poderia ser aberto a todos.

Escolhemos o nome SOMA para a plataforma pois é um nome baseado na Somaterapia do Roberto Freire, um meio específico libertário e anarquista, onde há um processo terapêutico realizado em grupo que articula o trabalho corporal da linguagem verbal. Algo que pode ser relacionado ao capítulo Eros de bell hooks, uma vez que, trabalha em grupo na singularidade do corpo e voz de cada um.

Logo na página inicial do site, colocamos um pequeno texto falando sobre educação libertária:

Soma é uma plataforma de divulgação de arte-educação sob perspectiva da pedagogia libertária

Como a pedagogia libertária ocorre

A pedagogia anarquista, sinônimo de pedagogia libertária, considera a educação como “fenômeno político-social”. A educação pode ser o “veículo” que faz a manutenção da cultura vigente, ou ser o meio que realiza transformações na realidade social.

Considerada uma pedagogia social, ela busca trabalhar o indivíduo e sua autonomia, pois pensa que é “da individualidade que surge a amplitude social” (Gallo, 1990), e uma sociedade justa e libertária só pode ser assim se for composta de individualidades justas e livres. Uma sociedade justa é a “expressão e ação de indivíduos justos e livres” (Gallo, 1990).

O eixo central da pedagogia libertária é a solidariedade, e ela só pode ser plenamente realizada por indivíduos livres. Portanto, a liberdade é a base desta educação, uma vontade e impulso genuínos de ajudar e contribuir na sociedade, pois, caso contrário, cooperação sob ordem e coerção é sinônimo de trabalho forçado.

As tradicionais escolas contemporâneas, com linhas pedagógicas voltadas para o mercado financeiro, reforçam a dependência e dominação entre indivíduos em posições diferentes. Na escola de pedagogia libertária, não se deve acentuar nem reproduzir as diferenças que já existem na sociedade lá fora, assim como não incentivar a competitividade, que é inflamada pelo “sentimento de disciplina e hierarquização”. Isto indica o tema básico do anarquismo: o anti-autoritarismo. Gerar relações e relacionamentos sobre estas bases torna impossível a igualdade e solidariedade entre os indivíduos.

Para uma educação que pratique a real igualdade entre os alunos, este método pedagógico deve envolvê-los com toda a comunidade escolar, interna e externa, deve também “despertar a curiosidade e favorecer a autonomia e a liberdade” (Gallo, 1990).

Tina Tomasi em apresenta mais diretrizes: suprimir as ordens, afirmações e qualquer forma de sugestão, e colocar no lugar uma persuasão fundamentada em razões e principalmente na “força aprovadora do exemplo”; respeitar as atitudes e os ritmos individuais dos alunos; dispensar qualquer didática que envolva coerção física e moral, sanções, castigos, exames, prêmios e classificações, sendo substituídos por aquela que promova a “autodisciplina, a cooperação, o trabalho em grupo no qual a experiência comunitária não sufoque a iniciativa individual”; “apresentar não mais com o peso da obrigatoriedade, conteúdos culturais, racionais, científicos iguais para todos, impregnados pela realidade presente, livres de qualquer espírito sectário e nacionalista” (em “Ideologie, Libertarie, e Formazione Umana”, p. 5-6)

E em seguida sobre a plataforma:

SOMA, cujo nome parte da prática libertária da somaterapia, é uma plataforma desenvolvida por estudantes de licenciatura em artes a partir de uma pesquisa sobre processos anti-autoritários de ensino e aprendizagem que levam em consideração a liberdade, a autonomia e acreditam na educação como meio de transformação social. Nessa plataforma pretendemos compartilhar artigos e trechos de pesquisas à partir do viés da pedagogia libertária, além de disseminar os trabalhos que foram elaborados de forma autônoma por alunos em uma disciplina específica considerando o contexto atual de pandemia, com aulas ministradas à distância. Acreditamos que esses trabalhos foram desenvolvidos de uma forma que se relaciona diretamente com os métodos da pedagogia libertária, pois cada aluno pôde escolher o próprio objeto ou tema de pesquisa, se debruçar sobre ele e apresentar para a turma da maneira que preferiu. Expor aqui o resultado dessas pesquisas é um meio de compartilhar para fora do ambiente de sala de aula as produções interessantíssimas que surgiram tendo sido elaboradas a partir do interesse pessoal de cada um.



SOMA

Soma é uma plataforma de divulgação de arte-educação sob perspectiva da pedagogia libertária

Como a pedagogia libertária ocorre

A pedagogia anarquista, sinônimo de pedagogia libertária, considera a educação como “fenômeno político-social”. A educação pode ser o “veículo” que faz a manutenção da cultura vigente, ou ser o meio que realiza transformações na realidade social.

Considerada uma pedagogia social, ela busca trabalhar o indivíduo e sua autonomia, pois pensa que é “da individualidade que surge a amplitude social” (Gallo, 1990), e uma sociedade justa e libertária só pode ser assim se for composta de individualidades justas e livres. Uma sociedade justa é a “expressão e ação de indivíduos justos e livres” (Gallo, 1990).

O eixo central da pedagogia libertária é a solidariedade, e ela só pode ser plenamente realizada por indivíduos livres. Portanto, a liberdade é a base desta educação, uma vontade e impulso genuínos de ajudar e contribuir na sociedade, pois, caso contrário, cooperação sob ordem e coerção é sinônimo de trabalho forçado.

As tradicionais escolas contemporâneas, com linhas pedagógicas voltadas para o mercado financeiro, reforçam a dependência e dominação entre indivíduos em posições diferentes. Na escola de pedagogia libertária, não se deve acentuar nem reproduzir as diferenças que já existem na sociedade lá fora, assim como não incentivar a competitividade, que é inflamada pelo “sentimento de disciplina e hierarquização”. Isto indica o tema básico do anarquismo: o anti-autoritarismo. Gerar relações e relacionamentos sobre estas bases torna impossível a igualdade e solidariedade entre os indivíduos.

Para uma educação que pratique a real igualdade entre os alunos, este método pedagógico deve envolvê-los com toda a comunidade escolar, interna e externa, deve também “despertar a curiosidade e favorecer a autonomia e a liberdade” (Gallo, 1990).

Tina Tomasi em apresenta mais diretrizes: suprimir as ordens, afirmações e qualquer forma de sugestão, e colocar no lugar uma persuasão fundamentada em razões e principalmente na “força aprovadora do exemplo”; respeitar as atitudes e o ritmo individual do aluno; dispensar qualquer didática que envolva coerção física e moral, sanções, castigos, exames, prêmios e classificações, sendo substituídos por aquela que promova a “autodisciplina, a cooperação, o trabalho em grupo no qual a experiência comunitária não sufoque a iniciativa individual”; “apresentar não mais com o peso da obrigatoriedade, conteúdos culturais, racionais, científicos iguais para todos, impregnados pela realidade presente, livres de qualquer espírito sectário e nacionalista” (em “Ideologie, Libertarie, e Formazione Umana”, p. 5-6)

A PLATAFORMA

SOMA, cujo nome parte da prática libertária da somaterapia, é uma plataforma desenvolvida por estudantes de licenciatura em artes à partir de uma pesquisa sobre processos anti-autoritários de ensino e aprendizagem que levam em consideração a liberdade, a autonomia e acreditam na educação como meio de transformação social. Nessa plataforma pretendemos compartilhar artigos e trechos de pesquisas à partir do viés da pedagogia libertária, além de disseminar os trabalhos que foram elaborados de forma autônoma por alunos em uma disciplina específica considerando o contexto atual de pandemia, com aulas ministradas à distância. Acreditamos que esses trabalhos foram desenvolvidos de uma forma que se relaciona diretamente com os métodos da pedagogia libertária, pois cada aluno pôde escolher o próprio objeto ou tema de pesquisa, se debruçar sobre ele e apresentar para a turma da maneira que preferiu. Expor aqui o resultado dessas pesquisas é um meio de compartilhar para fora do ambiente de sala de aula as produções interessantíssimas que surgiram tendo sido elaboradas à partir do interesse pessoal de cada um.



REFERÊNCIAS

Produções textuais, artigos, teses e trechos de pesquisa que estão norteando nosso trabalho.

saiba mais

ARTE-EDUCAÇÃO

Trabalhos artísticos de cunho social que se relacionam com o fazer em conjunto, a participação coletiva e que permeiam de alguma forma o campo da arte-educação, possibilitando leituras e interações com as obras à partir de uma abordagem pedagógica da arte como forma sensível de se comunicar e entender o mundo e a sociedade.

saiba mais



ESCOLAS

Escolas que aplicam princípios e métodos da pedagogia libertária em seus programas de ensino à partir das ideias de diversos pensadores e educadores anarquistas.

[saiba mais](#)

PRODUÇÕES SOMA

Produções desenvolvidas pelos alunos da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", no curso de Licenciatura em Artes visuais

[saiba mais](#)

Inicialmente foi dividido em seções que tinham a ver com o assunto: “Escolas”, “Arte-educação”, “Referências” e “Produções SOMA”. Pensamos nessas divisões a partir de nossos estudos no assunto, mas não eram definitivas. A seção “Escolas” seria um espaço onde estariam disponíveis arquivos sobre escolas de ensino regular e formal que tivessem uma abordagem transgressora em relação ao que se tem como modelo de ensino. Como por exemplo, a Escola da Ponte em São Tomé de Negrelos, Portugal, onde:

As crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. Isso não é exceção. É a rotina do dia a dia. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão a aprender valores. A ética perpassa silenciosamente, sem explicações, as relações naquela sala imensa.” Foi assim que o educador Rubem Alves resumiu uma de suas muitas surpresas com a Escola da Ponte, uma instituição pública de Portugal que, desde 1976, compreende que o percurso educativo de cada estudante supõe um conhecimento cada vez mais aprofundado de si próprio e um relacionamento solidário com os outros.

Inserida no sistema público de educação e localizada no município de Santo Tirso (próximo à cidade do Porto), a Escola da Ponte não adota um modelo de séries ou ciclos. Lá, os estudantes de diferentes idades se organizam a partir de interesses comuns para desenvolver projetos de pesquisa. Os grupos se formam e se desfazem de acordo com os temas e a partir das relações afetivas que os estudantes estabelecem entre si. (<https://educacaointegral.org.br/experiencias/escola-da-ponte-radicaliza-ideia-de-autonomia-dos-estudantes/>)

ESCOLAS

Escolas que seguem a pedagogia libertária

Espaço dedicado a um mapeamento das escolas e cursinhos no Brasil e no mundo que seguem essa pedagogia



ESCOLA DA PONTE

São Tomé de Negrelos - Portugal

"As crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. Isso não é exceção. É a rotina do dia a dia. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão a aprender valores. A ética perpassa silenciosamente, sem explicações, as relações naquela sala imensa." Foi assim que o educador Rubem Alves resumiu uma de suas muitas surpresas com a Escola da Ponte, uma instituição pública de Portugal que, desde 1976, compreende que o percurso educativo de cada estudante supõe um conhecimento cada vez mais aprofundado de si próprio e um relacionamento solidário com os outros.

(Fig.13) **Marina Woisky**. Print do site SOMA. 2020. Acervo da fotógrafa.

A seção “Arte-educação” se dedicaria a ações, obras de arte, oficinas relacionadas à educação, pois acreditávamos que essa também seria uma forma de educação libertária, uma vez que por meio da arte e educação assuntos podem ser abordados de maneira sensível e próxima àqueles que participam. No projeto piloto da plataforma inserimos a obra “O nome do Medo” de Rivane Neuenschwander, que aconteceu no Rio de Janeiro em 2017:

Tudo começa com a proposição da artista para as crianças a partir da pergunta norteadora: “Como narrar e habitar nossos medos?”. As crianças, então, nesse primeiro momento, a partir de referências de capas de diferentes culturas, de heróis e de artistas como Hélio Oiticica e Antônio Bispo do Rosário, mostradas em uma roda de conversa e de um debate, desenharam capas que as protegeriam de seus medos. Os desenhos foram traduzidos em capas de verdade por meio da interpretação Guto Carvalho Neto junto da artista. De cada desenho foram feitas duas capas, uma para a criança que a desenhou e a outra que foi encaminhada para a exposição no MAR. Na exposição, os visitantes eram convidados a vesti-las e assim se protegerem dos medos.

A capa aqui é pensada como o que abriga e afugenta do medo e isso se expande para além do museu. A conversa sobre os medos possibilitou que as crianças perceberem que existem medos que são comuns, o que abriu espaço para uma troca mais íntima entre as crianças e para a criação das capas.

A escolha dos participantes serem crianças foi muito perspicaz, uma vez que o aparato da linguagem ainda se apresenta em formação, aberto e flexível e sendo a arte um espaço para construção da linguagem, me parece que é nessa faixa etária que ela pode operar de forma mais radical.

Essa obra ultrapassa os limites da arte na medida em que tem um cunho social que adentra outras áreas como a psicologia e a educação. De maneira sensível, Rivane pensa em um projeto em que as crianças serão protagonistas discutindo algo que muitas vezes fica de lado e perpassa as suas existências: o medo. Trabalhar esse sentimento não é algo fácil, ainda mais tratando-se de uma faixa etária que ainda está em fase de construção da linguagem. Porém, ao propor que a criança crie uma capa em desenho para que ela se transforme em algo real é dar vida a solução que as próprias crianças encontraram para lidar com seus medos. É acreditar que por meio dessa elaboração artística novos caminhos podem ser traçados no que tange às experiências desconfortáveis/afrontosas/assustadoras da vida.



O NOME DO MEDO

Rivane Neuenschwander, Rio de Janeiro - 2017

O nome do medo de Rivane Neuenschwander foi um projeto ocorrido pela primeira vez em 2015 em Londres e depois, com a aquisição do Yanghyun Foundation, na Coreia do Sul, implantado em instituições culturais no Rio de Janeiro em 2016. Ele contou com oficinas ministradas por Rivane e outros artistas (pesquisar) para crianças da rede pública na Escola do Parque Lage no e no Museu de Arte do Rio (MAR) e, como desdobramento, uma exposição no MAR em 2017.

Tudo começa com a proposição da artista para as crianças a partir da pergunta norteadora: "Como narrar e habitar

(Fig.14) **Marina Woisky**. Print do site SOMA. 2020. Acervo da fotógrafa.

A seção “Referências” traria materiais relacionados ao assunto, sendo textos, vídeos, entrevistas etc. Nesse primeiro momento, adicionamos teses acadêmicas, entrevistas com Paulo Freire, bibliotecas etc.



(Fig.15) **Marina Woisky**. Print do site SOMA. 2020. Acervo da fotógrafa.



ÚLTIMA ENTREVISTA A PAULO FREIRE 1º PARTE

fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=UI90heSRYfE>

Por último, a seção “Produções SOMA” seria esse fórum aberto para quem quisesse adicionar arquivos feitos ou referências relacionadas à educação transgressora. Nela, colocamos os trabalhos feitos pelos nossos colegas da aula de didática. Aqui a ideia seria, cada vez mais ampliar esse fórum, para que outras pessoas pudessem compartilhar, discutir, participar.

SOMA

[Início](#) [Sobre](#) [Referências](#) [Arte-educação](#) [Escolas](#) [Produções SOMA](#) [Contato](#)

PRODUÇÕES SOMA

produções sobre arte-educação

Espaço dedicado a produções feitas pelos estudantes de Artes Visuais do curso de Bacharelado e Licenciatura do Instituto de Artes da Universidade Júlio de Mesquita Filho (UNESP) São Paulo



É ISSO AÍ MESMO

Gabriel Filareto e Julia Sanchez

Trabalho produzido a para a aula de Didática II do Instituto de Artes da Universidade Júlio de Mesquita Filho da UNESP São Paulo

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=rwKrP04RHEU&ab_channel=Gabs

(Fig.17) **Marina Woisky**. Print do site SOMA. 2020. Acervo da fotógrafa.



SEM TERRA COM POESIA A ARTE DE RECRIAR A HISTÓRIA

livro de Roseli Salete Caldart e trabalho feito por Mariana Garcez

Trabalho produzido para a aula de Didática II do Instituto de Artes da Universidade Júlio de Mesquita Filho da
UNESP São Paulo

[acessar documento](#)



(Fig.18) **Marina Woisky**. Print do site SOMA.
2020. Acervo da fotógrafa.



REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO A PARTIR DOS TEXTOS DE AUDRE LORDE, AILTON KRENAK, BELL HOOKS E GRADA KILOMBA

Bruna Hirai

Trabalho produzido a para a aula de Didática II do Instituto de Artes da Universidade Júlio de Mesquita Filho da
UNESP São Paulo

[acessar documento](#)

SOMA

arteeducaosoma@gmail.com



(Fig.19) **Marina Woisky**. Print do site
SOMA. 2020. Acervo da fotógrafa.

No começo de 2021, entrei no Cursinho Prévia, onde cumpri meu estágio de licenciatura ao longo do ano. Desde 2020, o Prévia passou por uma reestruturação para tornar-se online, as apostilas foram reformadas, algumas aulas refeitas, e uma metodologia de hiperlinks e discord (fórum) foi inaugurada. Tive contato com uma forma ampla de aprendizado, no sentido que os estudantes tem acesso ao conteúdo por diferentes meios como os textos da apostila, os hiperlinks para quem quiser se aprofundar mais no assunto, os exercícios, o discord. Além disso, também tem aulas ao vivo no sábado. Apesar de ter um direcionamento bem específico por ser um cursinho, há características da educação libertária, pois os professores fazem aquilo que tem mais habilidade, por exemplo, no primeiro semestre fiquei corrigindo os textos das apostilas de aula, enquanto outros preparavam posts para as redes sociais e assim vai. Isso também serve para os estudantes que podem escolher qual o melhor meio de apreender o conteúdo, seja por meio dos vídeos, dos exercícios, das aulas, etc.

O planejamento de estudo e a possibilidade de aprender de diferentes formas, aprofundando conteúdos de maior interesse é algo que gostaria de trazer para a plataforma. Acredito que, para se tornar de fato um instrumento pedagógico e didático de arte educação libertária, seria necessário que o site se transformasse em uma plataforma descentralizada, ou seja, não seria um grupo o responsável por alimentar o banco de dados e sim, qualquer um teria autonomia para contribuir com esse compartilhamento de informações.

Ao entrar em contato com esse tipo de educação do cursinho Prévia, entendi que apesar de termos partido de certos princípios da filosofia anarquista, a ferramenta é num ambiente bem mais específico da arte educação. Isso porque, no site SOMA há características dessa corrente, porém que não se limitam à ela. Muitas delas aparecem em outras vertentes, como por exemplo, o que vivenciei no Prévia, onde a educação é colaborativa, ou seja, todos os professores participam de todas as atividades e nenhum está acima do outro, mas

há uma hierarquia entre professor e aluno, no sentido de que quando as aulas estão acontecendo ao vivo são expositivas.

A educação libertária chegou ao Brasil pelos imigrantes europeus no final do século XIX e se instaurou nas Escolas Modernas nos bairros operários de São Paulo da década de 1910. Como diz Pinto na sua tese de mestrado “A par dum trabalhador, devemos fazer um pensador”: a cultura anarquista paulistana nas práticas artísticas e pedagógicas das Escolas Modernas n. 1 e 2, essa vertente se caracterizava em uma ideologia de resistência de uma população que vivia em situação totalmente precária. Foi nesse cenário de jornadas de 13h, alcoolismo, agressões físicas, controle excessivo e salários baixos que o anarquismo floresce em São Paulo como um espaço de ajuda mútua entre os operários que financiou espaços de cultura. Como princípio básico desse pensamento havia a autogestão ou seja “a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores” (BERTHIER, 2016, p. 71-72). A educação entra como parte essencial da revolução dos trabalhadores e levando em conta o contexto em que não haviam escolas o suficiente no Brasil e a maioria deles eram imigrantes, analfabetos, que não falavam a língua, a educação libertária entra como algo essencial.

As propostas dessa educação iam pelo caminho contrário ao que era oferecido na época, uma educação em sua maioria religiosa, positivista e elitista. Dentre elas, a educação libertária oferecia laicidade, racionalismo, ensino misto, fim das provas e sistemas punitivos, fim das turmas por idade e inclusão da família no processo educativo. Houve também a implantação do conceito de educação integral “a escola deve educar integralmente o homem e educar para a liberdade” (GALLO, 1995, p. 74). Com essa sendo a principal premissa da educação libertária, nesse contexto, pode-se dizer que ela é circunscrita a uma época específica, dentro de uma esfera de ascensão da industrialização, limitar

a plataforma a uma ferramenta de educação libertária é algo incompatível com sua historiografia, pois a questão colocada não é necessariamente a emancipação de uma classe trabalhadora, mas o acesso e compartilhamento livre de um segmento educacional específico, a arte educação.

Além disso, adicionamos ao site um conteúdo que escapa da educação libertária apesar de encontrá-la em alguns pontos, por exemplo, a Escola da Ponte que é uma escola democrática, onde também há a autogestão, mas aqui todos têm participação ativa nas decisões do funcionamento da escola. Também foi adicionada no SOMA a última entrevista de Paulo Freire de 1997, em que fala da felicidade de estar vivo para ver a marcha dos sem terra, que tem vontade de mudar o mundo. Escolhemos colocar esse conteúdo por acharmos que era um conteúdo importante para quem estuda educação, uma vez que é uma fala muito comovente e que nos inspirou a continuar lutando por uma educação transgressora.

Depois de ter contato como texto de Helguera, acredito que a plataforma também entraria no conceito de arte socialmente engajada em uma dimensão digital, conforme ressalta:

“Projetos de arte que, de forma bem mais modesta, oferecem um tempo e um espaço para a congregação e desenvolvimento de relações também podem ter um importante papel em ajudar os diversos grupos de pessoas – vizinhos, estudantes, um grupo de artistas – a encontrarem semelhanças nas atividades.”(HELGUEIRA, p.41, 2011)

Uma vez que a plataforma pretende ser um espaço de troca e divulgação entre pessoas que queiram dividir sobre arte educação, de maneira descentrali-

zada, se relaciona com a citação acima pois assume um lugar de desenvolvimento de conhecimento e discussão, que será construído em conjunto.

Retomando o Deslocamento 2. Uma educação “menor”, Deleuze e Guattari caracterizam uma literatura menor como desterritorializada, ramificada politicamente e que adquire valor coletivo. Gallo, ao deslocar essas características para uma educação “menor”, diria que a desterritorialização é dos processos educativos, ou seja, escapar daquilo que a educação maior enquadra como diretrizes do ensinar e aprender, fugir da máquina do controle que o ensino corresponde com a aprendizagem. Nesse sentido, a plataforma se enquadra na desterritorialização do processo educativo, na medida em que não há hierarquia de quem posta o conteúdo e de quem lê e também das diferentes possibilidades midiáticas de tais postagens, não existe um manual da aprendizagem nesse caso.

A segunda característica é a ramificação política, levando em consideração que a educação “menor” seria um empreendimento de revolta e resistência, assim, pensando na plataforma tudo será compartilhado, é um banco de dados abertos, há uma liberação da informação que normalmente é restrita, seja por ser paga, seja por estar dentro de lugares inacessíveis.

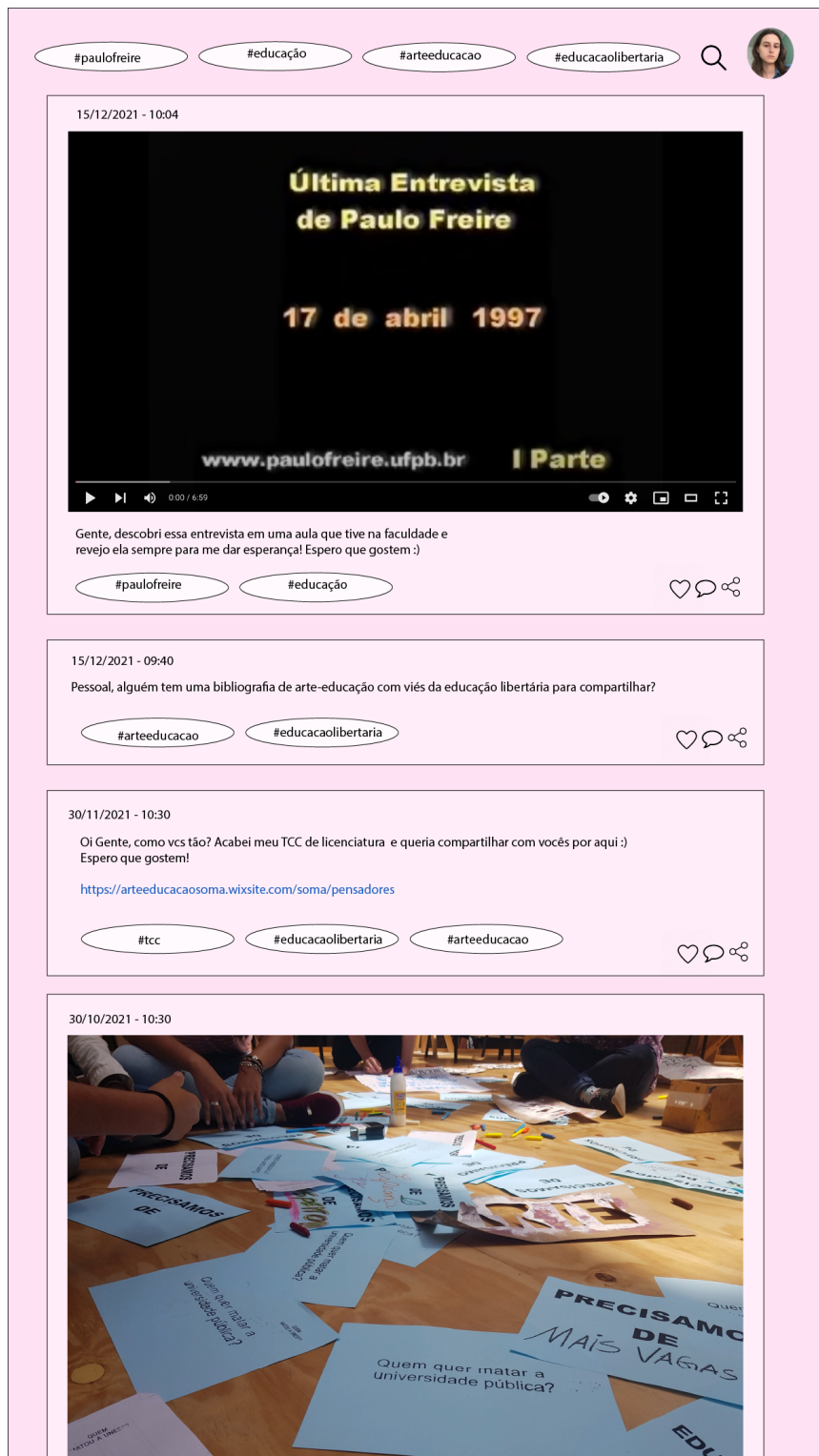
A terceira e última característica seria o valor coletivo, quando o professor-militante entra na sala de aula ele escolhe com quem irá trabalhar. Assim, a educação “menor” ao apostar nas multiplicidades, que se conectam, gera novas multiplicidades:

“Não há sujeitos, não há objetos, não há ações centradas em um ou outro; há projetos, acontecimentos, Individuações sem sujeito. Todo projeto é coletivo. Todo valor é coletivo. Todo fracasso também.”(GALLO, p.85. 2008)



(Fig.20) **Marina Woisky**. Plataforma. 2021. Acervo da fotógrafa.

(Fig.21) **Marina Woisky**. Plataforma. 2021. Acervo da fotógrafa.



(Fig.22) **Marina Woisky**. Plataforma. 2021. Acervo da fotógrafa.
 (Fig.23) **Marina Woisky**. Plataforma. 2021. Acervo da fotógrafa.

Assim como uma rede, nessa plataforma, as pessoas entrariam com um perfil a ser complementado da maneira que desejassem e funcionaria como o discord no sentido de espaços de discussão e postagem de textos, produções, vídeos, referências, etc, mas com uma visualização mais intuitiva. As categorias seriam direcionadas por hashtags, como no Tiktok ou Twitter, para que não haja um engessamento nesse sentido.

Na imagem ao lado e na próxima página, fiz um projeto de como seria a área do “perfil” e o “mural”. Nessa primeira imagem então temos um espaço básico de identificação com nome, foto, biografia e link.

Depois tem uma divisão entre o “post”, “salvos”, “compartilhados”. Os posts são aquilo que é postado pelo perfil e vai por meio de hastags aparece no mural “público”. Os salvos são os posts de outras pessoas curtidos pelo perfil, sendo que eles podem ficar visíveis pra quem acessa aquele perfil ou não. Por último tem os compartilhados, que seria algo que foi postado por outro perfil, mas a pessoa compartilhou dentro do su próprio fazendo ou não um comentário acima.

Na imagem de baixo, tem-se o “mural”, que aparecem as postagens e podem ser filtradas por hashtags. Além disso, será possível buscar por assuntos específicos por meio do ícone “lupa”.

A plataforma permitirá ainda que as postagens sejam comentadas e compartilhadas para outros aplicativos. Além disso, todos os tipos de mídia poderão ser inseridos na plataforma, então o perfil terá liberdade para postar o que quiser, seja GIF, vídeo, foto, etc.

Haverá em algum espaço um fórum aberto separado por assunto, onde poderá haver lives, chats online, etc.

Concluo esse trabalho, falando sobre a escolha do título e o uso do termo Arte/Educação para nomear por hora a plataforma. Lendo o texto “‘Um Breve Histórico’ ou de como (re) conhecemos histórias sobre arte e educação” da Rita Bredarolli entendi que esse seria o melhor jeito de nomeá-la, uma vez que engloba um conteúdo que entra nos dois campos, assim como as tensões entre eles. Acredito que essa rede pudesse ser uma nova abetura pra tanto aqueles que convivem com o conteúdo de arte e de educação quanto para interessados no assunto. O fato de ser uma plataforma não limita o acesso à certo número de pessoas e possibilita muitas trocas

Considerações finais

Apesar do processo de construção da plataforma nutrir esse trabalho de conclusão de curso, dada sua complexidade, a execução da plataforma em si demanda orçamento e conhecimento técnico especializado de programação de software.

Em função disso, concentrei a reflexão na compreensão de sua processualidade e aparato teórico. A feitura da plataforma envolve desde as referências bibliográficas aqui discutidas, as discussões das aulas de licenciatura e produções textuais feitas nesse período, que foram deflagrando o processo até o momento presente. A plataforma nasceu em consequência de um ambiente propício à criação e à discussão de arte e educação, tendo como pano de fundo toda a experiência e compartilhamento de processos com diversos artistas e educadores ao longo da graduação em Licenciatura em Artes Visuais.

Todo o estudo, pensamento e desenvolvimento da ideia foi de grande importância para a minha formação como extensão das aulas de Licenciatura, do Prévia, das oficinas e ações que já fiz e participei. O trabalho foi desenvolvido com muito cuidado e a cada passo um novo aprendizado aconteceu, sempre busquei entender as possibilidades dentro do campo da educação quando é tangenciado com as artes, as diferentes estratégias de metodologia de ensino e as diversas correntes da educação que me motivaram a fazer essa dissertação. Além disso, o maior ganho de todos foi o como eu quero atuar dentro desse campo, não num sentido limitante, mas em busca de sempre se atualizar e construir um ambiente fértil e confortável para quem quer trocar e aprender.

Bibliografia

BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti. 'Um Breve Histórico' ou de como (re) conhecemos histórias sobre arte e educação. Anais do III Encontro Internacional sobre Educação Artística, 2014

GALLO, Silvio. Deleuze & a educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GALLO, Silvio. PEDAGOGIA LIBERTÁRIA: PRINCÍPIOS POLÍTICO-FILOSÓFICOS. Educação Libertária: textos de um seminário, organizado por Maria Oly Pey - Rio de Janeiro/Florianópolis: Achieamé/Movimento, 1996.

GRADA, Kilomba. Descolonizando o conhecimento (performance). 2015.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2013.

LORDE, Audre. Irmã outsider; tradução Stephanie Borges. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019.

Pablo Helguera e Mônica Hoff (org). Pedagogia no campo expandido. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.

Pinto, Levi Fernando Lopes Vieira, 1991- "A par dum trabalhador, devemos fazer um pensador" : a cultura anarquista paulistana nas práticas artísticas e pedagógicas das Escolas Modernas n.1 e 2. / Levi Fernando Lopes Vieira Pinto. - São Paulo, 2019.

<https://educacaointegral.org.br/experiencias/escola-da-ponte-radicaliza-ideia-de-autonomia-dos-estudantes/>

<http://www.somaterapia.com.br/>